

O EXILADO DO RANCHO FUNDO

(A vida e obra, em pequena dimensão, do poeta Antonio Tavernard)

Vicente Sales

Pesquisador, antropólogo, escritor.

DO PRÓLOGO

O apreciador da canção brasileira não pode negar a Waldemar Henrique o título de maior intérprete musical da Amazônia. Na verdade, a Amazônia palpita, estuante e melodiosa, nas páginas mais belas do cançonetista, revelada com plena nitidez, dando assim estampas originais à música brasileira - tão variada de região para região e tão intimamente unida por um sentimento nacional assás profundo. Se é certo que a canção do sul se distingue, por um ritmo e uma inflexão peculiar, da canção do norte e uma e outra da nordestina ou do Brasil central, todos nós sentimos, entretanto, diante do nosso cancionero popular, a mesma emoção, a unidade da raça.

Na música de Waldemar Henrique há todo um congestionamento de beleza sonora que se traduz de imediato na lembrança de lendas, entidades fantásticas, aspectos típicos da Amazônia. Não fôsse ele próprio um grande poeta, cujos versos de uma única canção - "Tamba-Tajá" - podem reservar-lhe uma glória imorredoura, Waldemar Henrique, quando ainda em Belém, trabalhando em audições musicais e escrevendo programas para o Rádio Clube,

teve a fortuna de descobrir na obra de um jovem e desditoso poeta um sentimento que se fundia e se integrava indelevelmente à sua música. A obra desse poeta adolescente tinha ritmo, originalidade, o ranço de sua terra. Esse poeta era Antônio Tavernard.

"Venho de alguma essência
embrionária
para finalidades que não sei,
com farrapos na vida, como um
pária,
com púrpuras no sonho, como um
rei..."

ANTÔNIO TAVERNARD

Contemporâneos, quase da mesma idade, ambos se aproximaram atraídos pelo talento, revelando-se mutuamente. Ambos tinham o umbigo plantado no solo paraense e simultaneamente se dedicavam à sagração da Amazônia com a avidez ou angústia que “caracteriza as almas tropicais”.

A imagem telúrica da poesia de Antônio Tavernard foi assim naturalmente absorvida pela música de Waldemar Henrique. O encontro dos dois jovens artistas seria inevitável. E a forte personalidade do poeta produziria no músico, que até então improvisava canções e valsas românticas no seu piano, um efeito singular. E Waldemar Henrique voluntariamente imprimiu nas suas toadas e canções, com intensa nitidez, o pensamento do poeta, popularizando-o com pequenas jóias musicais que hoje são cantadas pelos nossos mais eminentes intérpretes de música de câmara e irradiadas, quase diariamente, pelas emissoras radiofônicas de todo o país, - como **Foi boto, Sinhá!, Matinta perera, Curupira, Tem pena da nega, Quando a saudade acorda, Romance**, etc...

O compositor ainda estava em Belém quando se aproximou da poesia de Antônio Tavernard e os dois traçaram juntos um programa em que a Amazônia, na música e na poesia, ganha pela primeira vez uma concessão de talentos realmente notáveis. O próprio Tavernard contaria, numa crônica publicada na revista “A Semana” (29 de julho de 1933), como trabalharam juntos e exalta a obra e a personalidade do compositor: “Waldemar Henrique dominou a música leve, apanhou o segredo das harmonias ligeiras que passam pela nossa alma como uma carícia,

deixando o eco da saudade. Compõe com inaudita facilidade. Tenho mesmo a impressão de que lhe basta correr os olhos pelo teclado para que o motivo procurado cresça e se desenvolva, espontâneo, justo, tradução em sons do seu pensamento. Sobre o joelho, improvisando o assobio, ele escreveu a maior parte da partitura de uma peça minha para versos já feitos, sem que eu lhe explicasse como queria, produzindo sempre melhor do que eu desejava”.

A história do compositor, depois dessa crônica intitulada “Pássaro Desconhecido” e dos sucessos alcançados no Pará, é um capítulo importante da criação artística brasileira.

Antônio Tavernard, ascendendo também ao âmbito local, não teve a mesma repercussão nacional, como poeta de raça que foi, embora acompanhe, definitivamente preso, a música do seu conterrâneo. Foi o mais feliz dos seus letristas e estes versos musicados com tanta felicidade estão na memória do povo brasileiro. É uma poesia singular, talvez exótica, bem representativa da Amazônia. O poeta, algumas vezes – ou sempre que abordava assuntos amazônicos – conseguiu imprimir cenas e aspectos de um Brasil diferente. Então, pressentimos que ele escreveria o grande poema da Amazônia, pois, nesses momentos, não fica muito longe de Raul Bopp, o famoso criador de **Cobra Norato**. E mais ainda do que Raul Bopp, Tavernard foi um produto espontâneo da Amazônia. Viveu profundamente os seus problemas; não os observou com a emoção do esteta que acordou subitamente num reino de fadas ou num mundo fantástico.

O presente trabalho, elaborado no momento do transcurso do cinquentenário do nascimento de Antônio Tavernard, pretende compreender a sua personalidade e a sua obra.

“NASCI EM FRENTE AO MAR”

Antônio Nazaré Frazão Tavernard nasceu no dia 10 de outubro de 1908, há cinquenta anos portanto, na então vila de Pinheiro – hoje Icoaraci – no município de Belém. Nasceu “em frente ao mar”, disse ele próprio no poema **Similitudes**, que é um ligeiro esboço auto-biográfico:

“Nasci em frente ao mar.
Meu primeiro vagido
misturou-se ao fragor do seu bramido
Tenho a vida do mar!
Tenho a alma do mar! . . .”

O mar, portanto, “na sua inquietude indefinível, que nele é onda” e, para o poeta, por similitude, apenas um “anseio”, foi uma constante que o comoveu nos embates da vida tormentosa:

“Sou bem fraco, porém, e tu és forte...
Nada te vencerá, há de vencer-me a morte. . .
Embora! . . . Mar morto, água dormida
que por mais nada nem de leve ondeia,
hei de deixar meus versos pela vida,
como tu deixas âmbar pela areia! . . .”

Aí está, anunciada num sopro de angústia, a síntese biográfica do poeta.

A vida desse cantor de amarguras e misérias sociais e humanas, como bem frisou Georgette Franco, é uma das mais belas e impressionantes páginas de sofrimento e resignação que o destino escreveu na história do tempo. Sua pena e seu cérebro estiveram sempre a serviço não só da poesia, mas também da prosa, da crítica, das grandes causas humanas e dos mais sérios problemas sociais. No seu livro de contos **Fêmea**, publicado em 1930, agitou problemas que até hoje, no Pará, não tiveram solução plena e satisfatória. O fundo sociológico desses contos, mais tarde ampliado em outras produções que chegou a selecionar para compor outro livro intitulado **Almas Tropicais** e sobretudo no romance **Os Sacrificados** (que também ficou inédito), condensa páginas que nos revelam um conhecedor profundo da psicologia do povo amazônico, notadamente do homem dos subúrbios de Belém – pois foi sobretudo cronista urbano, – que Tavernard comparava a “um formigueiro arrastado pela fome ao trabalho e devolvido do trabalho com a fome”, numa revolta bem sincera. Pugnou, combatendo e defendendo, profligando se necessário, pedindo a todos, especialmente ao chefe da família – esse “operário bêbado nas horas vagas”, – num apelo quase patético, que pusesse nas mãos dos filhos “o archote de uma cartilha”, pois considerava o livro “a única lâmpada de Aladim”.

A imprensa foi naturalmente o veículo ideal para a expansão de suas idéias e ideais. Portanto, enquanto viveu e pôde escrever ou

editar uma linha, Antônio Tavernard trabalhou intensamente. Foi redator-chefe da revista “A Semana” e colaborou em inúmeros jornais e revistas. Aos 19 anos de idade, obtendo o segundo prêmio no CONCURSO DE CONTOS TRAGICOS, de âmbito nacional, promovido pela revista “Primeira”, projetou-se, como contista, na capital do país. O conto premiado, – **Uma Noite Trágica** – foi publicado no nº 18 (abril de 1928) da revista dirigida, na época, por Adolpho Aisen e A. F. da Costa Júnior. A apresentação do conto contém as seguintes palavras: “Eis a narrativa, leitor, que pela comissão julgadora do nosso Concurso de Contos Trágicos foi distinguida com o segundo prêmio. Encadeada com a mais sabia maestria; descrita com a facilidade mais perfeita e magistralmente orientada, a sua leitura prende a atenção do leitor desde o início pelas inúmeras surpresas que o autor soube tão bem concatenar, surpresas essas que se nos deparam pelo decorrer da leitura e em cujo final, vemos um desfecho fantasticamente original e maravilhoso”. Iniciava-se, com esse conto adolescente, a carreira de Antônio Tavernard, e sua breve e fecunda fase de escritor e poeta dotado de uma forte personalidade. Manifestava-se também como o poeta e escritor mais original de sua geração, atraído pelos assuntos menos explorados, interpretando-os de maneira mais surpreendente. Muito cedo familiarizado com a técnica do conto trágico e fantástico, através de uma leitura desenfreada dos livros de literatura gênero policial (a revista “Primeira”, de que foi leitor assíduo, era especializada nesse gênero), tornou-se logo, na sua idade e na sua época, um dos raros escritores brasileiros a cultivá-lo com algum êxito. Ampliando suas atividades, conseguiu publicar em numerosas outras revistas nacionais as suas produções. Seu estilo, vivo, original, interessante, dosava bem e com bastante habilidade as proporções do gênero. Sabendo inventar “suspense”, sustentar a dominante trágica, armar cenários e cruzar elementos que, em sucessão, chegariam à síntese desejada, tornou-se escritor precocemente amadurecido, esplendidamente dotado e fecundo. Uma de suas produções, o conto **O Justiceiro**, publicado em 1930 no livro **Fêmea** foi “vergonhosamente plagiado na metrópole”.

O contista Antônio Tavernard é todavia menos forte do que o poeta. O escritor, embora essencialmente humano, não pôde superar a si mesmo, ao seu destino trágico, que muito influenciou o seu comportamento literário. Já, o poeta, não poucas vezes, viveu plenamente em estado de graça, mesmo dentro de sua condição humana.

Assim é que, o contista, foi ele mesmo dentro dos seus personagens: homem sofredor, cheio de angústias e apreensões, nada mais enxergando além da sua morbidez:

“A angústia caracteriza as almas tropicais.

Angústia em eclosão: desespero.

Angústia tácita: inquietude...”

Exacerbou, portanto, através de generalizações, sentimentos exclusivamente seus, individuais, pois, não há dúvida, tal como se manifesta, obsedantemente, essa angústia em eclosão é um reflexo condicionado em potencial, a recalques oriundos da debilidade física do poeta.

O PÓRTICO do livro inédito **Almas Tropicais** (cuja cópia do original

nos foi gentilmente cedida por Georzenor Franco) é um poema patético. A linguagem de Tavernard, na página de abertura e nos contos reunidos nesse volume, se caracteriza pela constante angustiosa. Contém imagens delirantes, feéricas, empolgadas pela claridade tropical, a cuja luz do sol o homem é um monstro, ora física, ora moralmente. A tragédia e o horror são os elementos de que mais se serve. Alcançam o paroxismo. Tavernard não era porém exclusivamente um tipo patológico em que o narcisismo predominasse. Suas emoções tinham diversas origens e ele afinal pôde conciliar as contradições de uma patologia trágica e um instinto criador inquieto, que oscilava da suavidade beática, mística, ao mais agudo sensualismo. O núcleo dessas emoções era o conflito permanente em que vivia, condição de estados ambivalentes. Apesar disso, soube ser extraordinariamente sensível aos estímulos ambientais. A Amazônia traria seguidamente para a sua imaginação idéias poéticas, imagens líricas, conceitos verídicos. Vale a pena acompanhar o poeta. Sentir, em sucessão, os seus pensamentos. Compreendê-lo, afinal, como homem, “semeador indeciso”, por isso mesmo incapaz de libertar-se.

A maneira de Pöe e Dostoiévsky, e com a mesma impetuosidade do nosso Álvares de Azevedo, Antônio Tavernard muita vez se aproxima do fantástico e naquele mesmo clima, perturbado e doentio, ambienta os seus personagens, levando-os ao desespero, ao crime ou à loucura, à tragédia, ao horror, cujos palcos são os trópicos. Não logrou por certo, realizar integralmente a sua obra, mas não há dúvida que deixou os seus versos pela vida.

Incompreendido no seu tempo, hoje, no Pará, Antônio Tavernard é um poeta eminentemente popular. Merece esta popularidade, pois foi feliz o Toni das rodas boêmias e dos círculos íntimos da família, o poeta dos proletários e das prostitutas, da miséria e da angústia, da resignação e do perdão. O poeta que melhor assimilou o folclore regional, o ritmo da melopéia cabocla, revestindo-o com uma poesia rica de sonoridade e síncopas de bom efeito. Místico e bárbaro. Filho natural do boto e da yára, a vida toda ouviu “batuques de pés pilando mandingas, / enquanto na água, por entre as aningas, / os botos solertes espiam as cunhãs . . .”

Foi feliz aquele que mais chorou na Amazônia, feliz porque foi poeta e soube dar à vida versos enquanto esta lhe ofertava “a doce mãe dos imortais – a dor”. Sua poesia é amarga, nunca porém

desesperada. Recolhido desde os seus dezoito anos ao “Rancho Fundo”, pequeno “chalet” erguido no quintal da casa de seus pais, na Avenida Conselheiro Furtado, à época em que superiormente confiante em Deus, reconheceu a desgraça do seu destino de moço, ali iluminado pelos conselhos e pelos carinhos de sua mãe, toda ternura e desvelo, escreveu as mais belas páginas da literatura amazônica, as mais autenticamente amazônicas, vazadas num estilo pessoal e de grande plasticidade. Páginas que fixam paisagens do norte e contêm elementos que revelavam, nele, um verdadeiro épico, à semelhança de Castro Alves, admitindo para este a vocação épica que, por não se ter realizado plenamente, restringimos ao que se chamou “condoreirismo”. A poesia de Tavernard atinge momentos de alta inspiração, contando grande variedade de contornos, paisagens e ritmos, como no poema “A Voz da Amazônia”, que, todavia, não chega a emparelhar com “Navio Negroiro” ou “Cachoeira de Paulo Afonso”, melhor exemplificando, de Castro Alves. Ali está ele, transfigurado, oprimido não pelas angústias físicas, mas pelo próprio complexo amazônico, dinâmico e tumultuado, plácido e brutal. Exalta-se, porém a sua inspiração numa verdadeira afirmação telúrica. O homem se revela poeta que amadurecia cheio de angústia e enlevos e ternuras nunca provados em pequenas obras-primas de poesia intimista, diferente mesmo do poeta que ansiava, exclamando no “Pórtico” do seu livro de contos:

Eu quisera, em meus versos, a alvorada
de todas as belezas triunfais...
que eles tivessem a auréola imaculada
do sol da madrugada. . .”, etc.

e que, afinal, se transformou numa tênue incapacidade de alcançar tudo, não resistir ao nada, compondo baladas tristes como a **Última Carta, Sob as brumas, em Surdina** ou **Sonhos de Sol**. Nesta, especialmente, revela o desencanto:

“Nesta manhã tão clara é sacrilégio
o se pensar na morte. No entanto
é no que penso, úmidos de pranto
os meus olhos cansados.

Sortilégio
de luz pela cidade... As casas todas,
humildes e branquinhas,
lembram grácis e tímidas mocinhas
no dia de suas bodas . . .

Morrer assim, numa manhã tão linda,
risonha, rosicler,
não é morrer... E' adormecer ainda
na doce tepidez de um seio de mulher! ...
Não é morrer... É só fechar os olhos
para melhor sentir o cheiro do jasmim
escondido da renda nos refolhos! ...
Ah! quem me dera que eu morresse assim! ..."

O estado físico e mental do poeta, sua angústia permanente e sentida, é denunciado na primeira indagação da ÚLTIMA CARTA: "Por que não me vens ver? Estou doente...", em que sua alma dorida se transporta e procura, na imaginária missivista, aquela ausente amada, para que esta envolva, na concha de suas mãos, sua própria alma, quando ela se libertar, pois anuncia aí uma certeza de morte: "Vem surgindo o luar... / E com a luz do luar que vem nascendo / Eu vou, aos poucos, meu amor, morrendo..."

Longe, pois, definitivamente, estaria o poeta da realidade da vida e fechado na sua imensa angústia, pássaro ferido em pleno vôo, como declara no poema "Sob as brumas, em surdina":

"Este meu coração inquieto, dorido,
que aqui vai a vibrar,
como se fosse um pássaro ferido,
morrendo em pleno vôo, a cantar, a cantar..."

Foram grandes inibições, reveladas a cada passo, que o tornaram angustiado. Antônio Tavernard, no íntimo de si mesmo, na sua juventude despreocupada, fora, na verdade, um homem alegre e feliz. Teve um pai dado às letras e a mãe fora também um espírito sensível e inteligente. O drama de sua atormentada vida, que o afogou num isolamento forçado, impondo-lhe estas severas inibições, transformou-o enfim de idealista e sonhador num anacoreta. Olhou então, através da janela do seu "Rancho Fundo" – janela aberta para a vida e para a alegria, – as ruas de sua cidade, as praças do povo, o céu do condor. Contemplativamente .

DO AMOR PARA SEMPRE IMPOSSÍVEL

Oferece a poesia de Antônio Tavernard, oportunidade para interpretações psicológicas que muito ajudarão a compreender sua personalidade. Colhido pela doença no pleno viço de suas faculdades genésicas, excluído bruscamente do meio social quando mal ingressava no curso acadêmico – onde conviveria com uma sociedade alegre e feliz, – abatido enfim por uma enfermidade fatídica e capaz de causar repugnância aos escrupulosos e repulsa aos ignorantes, tudo se concentrou para exilá-lo do próprio lar e refugió-lo na parte mais sã do próprio corpo: o espírito. Idealizou portanto um amor, platônico, grande, fecundo. E fez desse amor objeto de agressão genital, indireta, isto é, imaginária. Complexo esse amor, cujas tendências mais claras vemos em profusão na sua obra, cheio de bifurcações, oscilando de uma raiz

tônica para uma genital, reduzindo-se finalmente em uma força criadora. A impossibilidade de gozar licitamente esse amor e dele receber carinhos e afagos, transformou-o, o poeta, num cilício. Parece haver certa pariodicidade nas suas vivências e fantasias eróticas, que corresponderiam assim ao chamado estado de cio. Extremamente sensível e sensual – sensual, sensualismo, a palavra e as imagens são abundantes em toda a sua obra de poeta e prosador, – praticava, no afã criador, uma espécie de masturbação ideológica ou descargo do impulso copulativo. Em alguns contos de "Fêmea", em muitos poemas avulsos, vemos o homem frustrado na contenção de cargas libidinosas a cantar o corpo nu de uma mulher, a imaginá-lo com certos requintes de sadismo e morbidez, sabendo-se porém irremediavelmente abandonado na sua solidão, a se autosatisfazer do bem que porventura não teve tempo nem oportunidade de sopitar. O sexo, por conseguinte, é a imagem que o persegue e que afinal se transforma em símbolo, sublimando-se. Essa sublimação exige do poeta, inicialmente, uma angústia irrefreável, pois se reduz em mera ficção seus impulsos eróticos, traduzidos então na sua morbidez, na preferência aos temas trágicos, ao ambiente que já assinalamos perfeitamente enquadrado na atmosfera de um Pöe ou Dostoiewsky, onde se movem os seus personagens, perturbados e doentios. Viu ele a "angústia" nas "almas tropicais", só angústia em sucessão, exacerbando às vezes a patologia dos próprios personagens. "Mané Cururu", por exemplo, tem um perfil horroroso e o poeta fixa-o com extrema impiedade – "dir-se-ia que aquele homem era aborto de uma orangotango fecundada

por Quasimodo”; “Vê-lo era ser primeiro, espanto, horror, depois, asco, por fim”. E todavia, este conto, por si só, é uma rajada de luz que surpreende, em flagrante, a sua personalidade levada ao paroxismo da flagelação: “Mané Cururu”, não obstante a sua fealdade e os intuitos diabólicos que todos lhe imputavam, era alma boa e cândida, que amava o belo, figurado numa imagem feminina, e só poderia contemplá-lo, protegê-lo; jamais profaná-lo”.

Essa era também a alma do poeta.

A obra de Antônio Tavernard concilia três aspectos, aparentemente opostos, revelados pela sua grande frustração e que poderemos chamar de tons: genital (tom erótico), érgico ou criador (tom nítico), ou ainda, como ele próprio denominaria, bárbaro e finalmente sublime (tom místico), decalcados de certa forma, de um complexo dominante - o de Édipo. Há, evidentemente, inter-relações e compensações recíprocas nestas diferentes formas de anunciar a sua personalidade, não se podendo, por outro lado, estabelecer, rigorosamente, a sucessão desses diferentes aspectos da poesia de Tavernard, ora em relevo, pois há em toda obra sugestões de momento, motivadas por causas difíceis de se identificar. Centralizada pela raiz criadora do amor, que nele foi tão atuante e fecunda, pode-se admitir sem dúvida, quanto à sua natureza intrínseca, plena libertação dos chamados estados de exaltação e talvez mesmo, em alguns momentos, indiferença quanto ao grau de necessidade de descarga libidinosa, pois a inspiração da obra em si poderia também - não há uniformidade de opinião sobre a matéria e, neste caso, é preferível adotar-se uma conclusão menos rígida (1) ser engendradora, já que evoluiu continuamente, chegando até à sublimação, por energias vitais assexuadas. Teria sido este porventura o último momento do poeta, quando ele respirou a paz crepuscular, chegada por antecipação. Inclino-nos a admitir esta hipótese que, não há dúvida, também pode conduzir-nos à compreensão da sua obra. Contudo, resiste, em um ponto de vista estritamente humano, a raiz genital do amor, conseqüente do complexo de Édipo ou de suas frustrações sexuais, e que é revelada abundantemente pela sua poesia erótica e mesmo com páginas puramente descritivas, em que o sexo intervém como uma constante e uma obsessão. Jovem, ardente, hipersensível, jamais pela cópula sadia, mas desgraçadamente pela impossibilidade de praticá-la, idealizou o seu amor e fez dessa imagem objeto de agressão genital:

Puberdade do tempo, a primavera :

deixa a terra mulher...
Primavera da vida, a puberdade
deixa a mulher em flor...

Chega o verão,
dá-se a posse definitiva!
Um mundo lembra um leito que se agita. . .
No sussurro do vento há soluções de amor! . . .”

Sente-se, neste fragmento do poema “Germinal”, incluído em *MÍSTICOS e BÁRBAROS*, a sexualização da natureza e nela a transferência, sublimada, dos seus próprios impulsos copulativos, frustrados. Não esconde o poeta ao intérprete de sua personalidade. Revela-se, por inteiro, constante, obsedantemente, ora com maior, ora com menor intensidade. O soneto que se segue, não publicado no citado livro, é mais um exemplo dessa perplexidade afetiva, da incerteza em que se debatia, o sim-e-não doloroso, espelho de recalque, dissimulação dos seus desejos: “Para quê?”

“Um dia hás de saber! . . Mas, então será tarde,
será tarde,
será tarde demais para poder voltar,
e fazer esquecer, e num gesto, apagar
todo o horror que ficou de um minuto covarde.

Terás pena, talvez... E que essa pena guarde,
sem te fazer sofrer, sem te fazer chorar,
a triste evocação de uma longínqua tarde,
em que impossível foi entender, perdoar...

E viverás, também esse torpor sombrio
dos crepúsculos que, como o meu, sentem frio,
têm saudade do sol, e não querem morrer! . . .

Um dia, saberás!... Mas, para que? ... A Dor,
se traz a redenção, não ressuscita o amor...
Assim, hei de calar... Ficarás sem saber!...”

Toda essa angústia e essa febre não se contêm. Indeciso, sim-e-não, o poeta revela-se cada vez mais possuído de sensações eróticas, que chegam a se colorir com as tonalidades da volúpia e da lascívia. Escreve então versos com a temperatura deste soneto, intitulado **Danação**:

“Na solfa da tarde que efervesce
minh’alma freme, torturada, louca,
num delírio de amor que em minha boca
toma um murmúrio hipócrita de prece!

Prece, de carne, só se for... Espouca
longínqua gargalhada que parece
ser de um gnomo vergastando, rouca,
esta febre brutal que em mim recresce.

Febre de gozo sopitado... anseio
de beijar, de morder moreno seio
de uma mulher que se ofereça nua...

Tudo é lascívia! - verifico pasmo -
O próprio mar que ao longe tumultua,
ruge e rebrame em convulsões de espasmo".

Aí está a revelação do grande desejo másculo tantas vezes esmagado e reprimido: a sua angústia é mera inconformidade sexual. Esta linguagem quente, insinuante, provocadora, e todavia desesperada, é a linguagem do mesmo poeta que conviveu com os anjos e com os santos. Feito para ser ciciado nos ouvidos da amante voluptuosa, como um dos mais belos mimos, uma embriagadora galanteria, este soneto serviu apenas a uma posse imaginária. Não transpôs a solidão do poeta. E como em todo sorriso claro há sempre uma face obscura, ele chegou a ouvir uma longínqua gargalhada de um gnomo: censura impiedosa. De sua boca ninguém a escutou. Provavelmente jamais murmurou palavras mais quentes. E nenhum corpo se ofereceu às suas delirantes propostas de amor.

No mesmo tom, imaginava cenas e bastidores, prostíbulos onde possuía imaginárias prostitutas, um qualquer "bagaço de mulher que já foi flor". Fala, com ternura, com a meretriz; diz-lhe palavras bonitas. As terceira e quarta estrofes do poema "Uma voz, um destino", contêm um diálogo entre essa prostituta ideal e o amante de uma noite, construído com palavras de um formoso idílio: - "Eu te chamei!... / (Psiu vem cá...) Por que? Não sei, não sei! ... / Por hábito talvez... Talvez por vício..." E apesar de tudo, o pudor do adolescente, a sentença, uma verdade muito pessoal: "O corpo da mulher é uma verdade / Que poucas vezes deve dar-se nua!", talvez mesmo o próprio pudor de mostrar nua sua carne estigmatizada.

Fica-se então a imaginar os conflitos que se geraram nesse homem prematuramente impedido de fruir o amor e do qual nenhuma fêmea, de bom grado, se acercaria. A análise das inter-relações das raízes que constituem o tronco vital desse amor imaginário, mostra-nos, apesar de tudo, que ele conseguiu equilibrar e integrar suas vertentes, mantendo-as em harmônica tensão. Forçado, de um lado, pelo ascetismo e platonismo e de outro, pela "febre de gozo sopitado", censurava-se com aspereza (... "espouca longínqua gargalhada que parece ser de um gnomo..."), mas cedia infalivelmente ao "bagaço de mulher que já foi flor", isto é, aos estímulos relacionados com o sexo oposto. Por isso - por ter-lhe o destino impedido de fruir o amor, - Tavernard inventou conceitos singulares sobre o comportamento feminino: "em toda mulher há um anjo e um sapo, e bem leva-las-á quem na ocasião propícia souber e puder apresentar um charco ao batráquio e um paraíso ao querubim", ou então, por que sabia que a "alma das mulheres é uma área devoluta

onde se pode erigir um prostíbulo ou um templo, sendo o arquiteto o seu próprio pudor", compreendeu que "mil mulheres não valem a lágrima de uma mãe velhinha e trêmula", porque "as mães são sempre mais mães quando os filhos, são mais desgraçados", residindo neste pensamento o verdadeiro caráter do poeta - limpo, claro, absolutamente puro. Na verdade - Mãe figura máxima de mulher (e a mãe de Tavernard foi um admirável exemplo, toda desvelo e carinho para o filho desventurado), para ela o poeta construiu um dos seus mais curiosos poemas - **Sinos da minha ermida**.

Disso se conclui - e em abono desta tese há a análise da personalidade do poeta, elaborada pelo erudito psicanalista Professor Eldonor Lima - que o complexo de Édipo foi, em Tavernard, acima de tudo, dominante. Porque Tony amou o belo, amou a natureza simbolizada em sua mãe. "As suas poesias eram a sublimação do seu temperamento hipersensual".

SERENATA COM VIOLÃO

Os pais de Antônio Tavernard exerceram definida influência no espírito do poeta, amenizando a sua dor, dando-lhe momentos de verdadeira felicidade. Othílio Tavernard, o pai, era um emotivo, dedicando-se à literatura teatral e sentindo toda a emoção da poesia, como o recordou Bruno de Menezes. Para ele, que foi o Papá Noel de todos os seus dias, o poeta foi-lhe grato; para sua desvelada mãe, sra. Marieta Frazão Tavernard, dedicou os pensamentos mais puros e o poema **Sinos de minha ermida**, um dos mais sentidos de quantos escreveu, e em que se observa uma das predileções do poeta - os efeitos onomatopaicos - no dobrar

dos sinos. Bruno de Menezes também recorda a mãe do poeta, cuja morte se verificou seis meses após a do filho, como uma senhora de inteligência aprimorada e voltada para as luzes do espírito.

Afastado da sociedade e dos amigos, convivendo com alguns poucos que lhe permaneceram fiéis e dedicados, Tavernard conservou intacto o amor à vida e aos seres humanos.

O pequeno círculo das suas amizades foi um mundo de ilusões, Houve a roda notívaga do RANCHO FUNDO, roda de boêmios inteligentes e divertidos, na qual aparecia Aldenor Guimarães cantando as canções da época e interpretando, de preferência, os versos que o poeta escrevia e Waldemar Henrique musicava. Quanto aos companheiros mais afetuosos, estes ali se reuniam para escutar os violões, as modinhas, os madrigais, as estrofes dos trovadores sentimentais da cidade enlutarada, em serenatas românticas, ao claro luar topical, que deliciavam o poeta. Estas tertúlias, recorda ainda Bruno de Menezes, eram também assistidas pelos merceeiros da redondeza, que concorriam espontaneamente para a satisfação dos seresteiros com o saboroso chope paraense e outras bebidas inocentes e picantes...

Muitas vezes os seresteiros, completamente absorvidos pelo prazer da noitada, toldados os pensamentos, embriagados de luz, viram a lua mergulhar numa colcha de nuvens, tombar para o poente, a madrugada nascer. Só então deixavam o poeta, feliz e insone, tangendo pelas ruas os seus violões.

Nas noites de São João e Natal,

Othílio Tavernard reunia a garotada pobre do bairro, distribuindo pistolas douradas e brinquedos, assistindo, Tony, da janela do seu RANCHO FUNDO, a festa dos guris. Era ali que com seus amigos discutia literatura, problemas de arte, da vida e da sociedade paraense, assuntos em que o poeta se informava com interesse. As serenatas eram freqüentes. O violão, nessas tertúlias, tinha grande destaque, tocado por dedos hábeis. Era o instrumento predileto de Tony e exercia sobre ele imenso fascínio:

"Soluça a prima, o bordão soluça...
A alma da gente toda se debruça
sobre o instrumento que nos faz vibrar...
E a toada, languidez sonora,
subindo, espiralando pelo ar,
tem qualquer cousa de alguém que chora
com uma vontade imensa de cantar..."

É o órgão do luar!...
Nas horas ermas,
ele vai convocar almas enfermas
para a missa de todas as saudades...

Companheiro de toscas soledades,
voz de humildes silêncios, namorado
das que nunca na vida foram amadas,
consolo das angústias sufocadas
fazendo-as irromper em pranto ardente,
ele vai, pelas ruas, tresloucado,
semeando emoções...
E onde quer que semeie, docemente,
ficam desabrochando corações...

É sensual às vezes, beija, peca...
E outra vez, alucinado, incrêu,
ruge, blasfema, amaldiçoa, impreca,
- sacrilégio sonoro! - contra o céu...

Tudo porque é o símbolo da raça
inquieta, inconstante, indefinida, heril,
mestiça de misticismo e de cachaça
que anda a crucificar, entre o bem e a desgraça,
a sorte do Brasil!"

Fato comovedor na vida do poeta foram os movimentos de simpatia promovidos pelos acadêmicos de direito, aqueles que, conseguindo continuar os estudos, decidiram, em diversas ocasiões, homenagear ex-acadêmico, recolhido agora no seu triste tugúrio. Muitos desses jovens foram amigos de infância de Tony. Em 1931, um ano depois de publicada a comédia **A Menina dos 20.000**, que escrevera de parceria com Paulo Castro, cogitou-se levar à cena esse trabalho, tendo o popular musicista espanhol Mendo Luna composto interessantes números musicais para o entrecho. Figura conhecida nos meios acadêmicos,

Mendo Luna - que além de músico, era autor, ator e diretor de conjuntos regionais - reuniu um grupo jovem e entusiasta. Paulo Castro, colaborador de Tavernard, era também figura conhecida nos meios teatrais de Belém, onde vinha militando como autor e ator, trabalhando nos mais populares elencos de teatro regional, inclusive com Carlos Campos, Eduardo Nunes, Cantuária, Edilberto Domont e outros. A peça foi representada no Palace Teatro no dia 28 de março de 1931, tendo como intérprete os amadores Lili Torreão, Alberto Castanheira, Lobão da Silveira, Fernando de Castro, Garcia e outros. Mais tarde, ainda por iniciativa dos acadêmicos de direito, foram representadas as revistas: **Seringadela**, e **Parati**. Antônio Tavernard escreveu ainda, a comédia **A Casa da Viúva Costa** e a revista **Que Tarde!**, também encenadas por atores regionais.

O estudo do teatro de Antônio Tavernard oferece um dos mais curiosos aspectos de sua literatura. Sabendo jogar o diálogo, com clareza e precisão, arrumar cenas e entreter, com habilidade, o fio da meada, numa expressão popular, conseguiu realizar um teatro que, se não é superior à sua poesia, está bem acima do nível literário das peças de autores regionais. Sensível a todos os apelos da literatura, e atraído pela forma de comunicação com o povo mais direta, logrou estabelecer perfeito equilíbrio entre seu sentimento e as exigências naturais do público. Suas revistas e comédias estão assim no mesmo nível das de Alberto Martins, o mais notável criador do teatro regional, e são, como obras de arte, bastante superiores às do popularíssimo Elmano de Queiroz. Tavernard teve, como vantagem, sobre esses dois autores, a imaginação, a idéia, o

acabado de seus diálogos bem feitos, vivos, interessantes, imaginativos, muito embora se possa conceder a Alberto Martins o perfeito conhecimento do métier, uma agilidade impressionante de fixar, numa sucessão bem engendrada, tipos e costumes regionais, e a Elmano de Queiroz o sabor inconfundível da linguagem cabocla, que o tornou querido do grande público.

DIÁLOGOS COM JOÃO E JESUS

O pai de Antônio Tavernard, como assinalamos anteriormente, foi autor teatral conhecido nos meios literários do Pará, onde se destacou como libretista e autor de peças para grupos de pastorinhas e outros gêneros, tendo sido representadas, de sua autoria, entre outras revistas de costumes regionais, o drama-sacro intitulado **Calvário de Sangue**, encenado na páscoa de 1924 no Teatro Eden, pela companhia do ator paraense Eduardo Nunes.

O teatro pastoril, ou de pastorinhas, foi uma das predileções do velho Otilio Tavernard. Era esse um dos mais originais folguedos populares de Belém, rivalizando com o teatro da época junina, também popularíssimo e inspirado no folclore regional.

Antônio Tavernard guardou, por conseguinte, dos folguedos de sua infância, imagens inesquecíveis e que recordaria, mais tarde, quando se abateram sobre ele as dores do infortúnio. **Visita de Santo** lembra um episódio comovedor:

“Meu S. João
na noite do vosso dia,
com fogueiras brilhando de alegria,
com alegrias cantando num rojão,
parai um pouco na melancolia
do meu portão!

Ponde aqui o cordeirinho! ...
Sentai no banco a meu lado!...

Tanta estrela no céu, e eu tão sozinho! ...
Na terra, tantos sons, e eu tão calado!...

Meu santo bom, por outra noite vossa,
igual a esta (que lembrá-la possa
durante a vida que viver eu vou!...),
mandei-vos, num balão, um sonho lindo
que foi subindo,
foi subindo,
foi subindo,
té que, muito alto, se queimou...

Mal de muitos?... Eu sei...
Mas também sei
que nunca mais outro balão soltei.
Nunca mais, nunca mais...

Que brisa fria!...

Lá vem o sol como um balão dourado!
Levantai-vos, partis?!... Muito obrigado!
DEUS vos pague, no céu, meu S. João,
esta parada na melancolia
do meu portão!..."

Se o folclore regional introduziu-se tão finamente na sua poesia, chegando a formar verdadeiro sincretismo, o sentimento religioso aí exposto, dá um acento de placidez e candura ao seu estilo. A religiosidade de Tavernard foi uma força que o permitiu resistir o trágico destino. Tão puro e singelo sentimento traduziu nas suas poesias. Eldonor Lima, seu companheiro nos bancos escolares, no Colégio N. S. de Nazaré, recorda-o nos seus 8 anos de idade, cursando o 2º ano primário, lendo, em aula, versículos da Bíblia.

Do Natal de Jesus, o poeta guardou também uma das mais vivas lembranças, reduzidas num poema de extrema beleza e simplicidade. **Prece de Natal:**

"Olhe aqui, Jesus Menino,
na folha do meu destino,
escreva a palavra "PAZ!"
Venho de muito longe, de um passado
vivido em turbilhão... Estou cansado...
Não quero sofrer mais!

Não quero - não! Não posso! Minha vida
é como taça de cristal partida
em que beberam deuses e animais.

Fiz mal e bem com indiferença, à-toa,
fatalismo que vinga e que perdoa,
muito do homem quando é feliz.

Depois, a dor... a dor que transfigura...
E o Senhor sabe - história de amargura -
como cumpri o que o destino quis.

Mas, agora, Jesus, Jesus Criança,
é tempo de chegar... A gente cansa,
para sempre, de vez, num certo dia
em que a penumbra da descrença fria
toma conta de nós. Ah! nesse dia,
Jesus querido, meu Jesus Criança,
que morta linda a última esperança!...

Portanto, Jesus Menino,
na folha do meu destino,
escreva a palavra "PAZ!"
Para que eu durma, então, serenamente

com um sono de arcanjo adolescente
e não sinta, e não chore, e não desperte mais".

Poucas vezes a dor foi tão singela e as lágrimas foram tão puras. O poeta dormiu serenamente, com um sono verdadeiro de arcanjo adolescente, e não sentiu, não sonhou não despertou mais depois de ter refletido amargamente que todos os caminhos da vida, todos os atalhos e bifurcações que busca incessantemente, o homem, sofrendo mil vacilações, "conduzem sempre para o mesmo nada".

A MORTE DO POETA

Morrendo em Belém, Antônio Tavernard, incompreendido na sua época, talvez não assimilado o conteúdo de sua obra, vem-se transformando num poeta eminentemente popular. Seus versos, embora divulgados por jornais e revistas do Pará, e transcritos por outras publicações do Brasil inteiro, permaneceram esparsos até 1953, ano em que Georzenor Franco os reuniu e Hermógenes Barra publicou no volume intitulado **MÍSTICOS E BÁRBAROS**. Este volume contém a seleção feita pelo autor, não constando dele muitos poemas, alguns dos quais constituem boa parte do que escreveu, compondo-se de peças absolutamente puras, de boa inspiração e de bom cunho poético.

Na poesia de Tavernard a Amazônia lendária e misteriosa muitas vezes se exhibe com surpreendente nitidez. Temperamento extremamente sensível e delicado, soube captar não apenas os motivos regionais, mas também o ritmo, a sonoridade, a palavra adequada ao motivo popular. Sem abusar jamais da linguagem do povo, sem aproveitar as frases feitas do linguajar cotidiano, respeitou-os contudo, desprezando certas convenções gramaticais, já abolidas pelo povo. Abordou quase exclusivamente, nos seus trabalhos, assuntos amazônicos, deles se ausentando apenas na fase intimista e mística de sua poesia.

A reconstituição da vida e da obra do inditoso poeta, com dados reais completos e interpretações mais amplas, viria justificar o reconhecimento de uma inteligência posta a serviço da Amazônia, o talento de um grande poeta, arrancado prematuramente da existência e que, no que produziu, foi apaixonado e sincero. Se há deficiências quanto à técnica - um melhor acabamento da forma sem restringir a espontaneidade da inspiração - coisa que somente ele poderia ter feito com o pleno amadurecimento do seu talento, numa revisão da própria obra, - muito mais abundantes são as qualidades de grande cantor, poeta das multidões, artista intimamente preso às

tradições de sua terra e de sua gente. Essa obra está ligada indelevelmente à comoção popular e em cada página do que escreveu, Tavernard deixou impressas verdades imensas, verdades que mal pôde pronunciar, pois na sua solidão havia indefinível “melancolia de um luar de agosto, aberto em pátio sobre o meu desgosto”. Comparou-se a uma velha aranha, cada um levando a sua sorte: a aranha na ilusão que é sua teia, e o poeta convencido de que era feliz... Esse foi o seu **Consolo**:

“Acharam muitos que eu sorrisse tanto,
e fizeram com que na minha, boca
morresse o riso, e despontasse o pranto
nos olhos doridos. Gente má!...
Que mal lhes fez minha alegria louca,
essa alegria tão comum que há
em toda a mocidade?... Porventura
eu não tenho o direito a ser feliz?...”

Fui imperfeito, sim! A imperfeição é humana..
Porém, não fui um mau. E esta tortura
que a minha vida lentamente insana
é a paga de um mal que nunca fiz.

Mas sou feliz nesta infelicidade,
pois, no pranto que verto agora, triste
pranto de dor e de saudade
de desespero e magno tormento,
neste pranto tão claro não existe
uma só gota de arrependimento!...”

E, com efeito, na sua imensa dor e na sua imensa felicidade, havia essa completa sublimação do infortúnio, bem como, sob o aspecto de perene exaltação, perfeita e completa interação individual, uma síntese que concilia cada poema angustiado, cada estrofe lírica ou erótica e cada verso inspirado nos motivos regionais em um todo produto de sua originalidade poética. Poeta estranho, exótico, místico e bárbaro. Homem da Amazônia, cheia de lendas e superstições. Via-se nas noites claras de luar tropical a olhar o tempo sem fim, soluçando, contemplando as noites amazônicas, **Entre o éter e o lodo**:

“As noites da Amazônia são profundas,
mais noturnas que as outras! Nelas há
sensações abismais, madres fecundas
de emoções de terror...,” etc.

Essas sensações que impressionam as sensibilidades fáceis de se inflamar criando o pânico na personalidade, ele, parece não as conheceu como

resultado de projeção de imagens flagiciadoras – “madres fecundas de emoções de terror”, - tão freqüentes na Amazônia, onde as antenas sensoriais do indivíduo estão quase sempre alertas, excitando-se com os mais fantásticos motivos; antes existiam dentro dele, em estado latente, adormecidas na memória que acumulou desde a infância um grande repertório de estórias de duendes e de bichos encantados da floresta e do rio. Foram estes os seus estímulos. Pesaram, também, a favor do medo, esse “gigante negro” da alma, na interpretação de Mira y López: medo de morrer prematuramente e sobretudo de morrer fulminado por um colapso cardíaco, acidente que de fato aconteceu na manhã de 2 de maio de 1936, quando o poeta contava pouco mais de vinte e sete anos de idade.

DA CONCLUSÃO

Antônio Tavernard, cujo cinquentenário de nascimento passou despercebido em outubro de 1958, em sua própria terra, embora alguns o tenham elevado ao primeiro plano da poesia amazônica, foi esse vulto singular, contraditório talvez, que se bateu pelas causas mais diversas sem ter tido oportunidade de lançar-se à rua para defendê-las. Temperamento psicológico egocêntrico, modificado, em parte, pela enfermidade que o marcou, criou, como o Aleijadinho na pedra maleável, alguns dos melhores poemas da nossa raça. Não legou, à Amazônia um livro da estatura de **Cobra Norato**, de Raul Bopp; não teve tempo, nem oportunidade, o Tony. Não teve sequer uma trégua na sua vida sofredora, a paz necessária ao artista para, na solidão do seu estúdio, dar asas à imaginação. Chorou cedo a sua dor. Soube suportá-la, melhor soube sofrê-la, transformando-a - metamorfose pungente - na sua própria felicidade. Não foi um revoltado, como o Aleijadinho, émulo na sua desventura, que transfigurava na sua arte os desafetos (2), mas por outro lado também não foi conformista, passivo, aniquilado irremediavelmente incapaz de um gesto de rebeldia.

“Venho de alguma essência embrionária
para finalidades que não sei,
com farrapos na vida, como um pária,
com púrpura no sonho, como um rei...”

Não nos abalamos, neste breve trabalho sobre a vida e a obra do poeta, a analisar sistematicamente sua técnica literária e as influências que absorveu em leitura intensa e desordenada. Seria apontar

fastidiosamente defeitos e virtudes. Procuramos compreendê-lo. Leitor de histórias alegres e trágicas. Escritor de contos policiais e poeta lírico.

- Fazer-se rir - amável tarefa! - Exclamou ele, numa crônica, em que confessava predileções pela literatura humorística. Deliciava-se com Fradique Mendes e com o **Juca Pato**, de Belmonte, o notável caricaturista e escritor. Ele próprio se confessou "místico" e "bárbaro". Vale ressaltar, nesta oportunidade, um dos raros momentos em que falou de si mesmo: "Machado Coelho, ao fazer seu perfil literário, traçou: "Detesta a arte moderna. Acha muito assanhada a **Negra Fulô**, de Jorge de Lima. Freme de medo ante a **Cobra Norato**, de Bopp". Aqui o retrato que vinha sendo de aformoseamento generoso, demasiou-se em caricatura. Suave malícia do cultor das **Abelhas de Aristheu**? - Não tenho tão acentuado esse prognatismo hostil à arte de hoje. Apenas implico solenemente, abomino mesmo aos que, munidos do passaporte de modernismo, andam e transpõem todos os limites da asneira, que é a coisa mais velha deste mundo. Só vi **Cobra Norato** no Butantã das citações. De Jorge Lima, conheço o **Negra Fulô**, perdido num recanto da "Noite Ilustrada". E, dele, ficou-me a impressão de que o Brasil está aprendendo a contar". E conclui: "Pressinto o vulto de seu talento e cultura, porque só uma personalidade verdadeiramente formada e legitimamente original podia motivar tanta boas páginas" (In: a SEMANA, Belém, Junho, 14-1933). Na mesma época lê a **Bagaceira**, de José Américo de Almeida, guardando grande impressão. Verifica-se, pois, que muitas foram as correntes que confluíram na sua educação intelectual, influenciando-o e nutrindo o seu talento. Mas nenhuma foi capaz de arrancar-lhe aquele anúncio de originalidade, transfigurar sua personalidade singular, polir as arestas de sua linguagem, aformosear o ritmo da música afrobrasileira que ele assimilou admiravelmente e que assim, livremente, transmitiu na sua obra. Preferências também ele as teve (Felipe de Oliveira, p. ex.), entre os melhores poetas e escritores das mais variadas tendências, inclusive os modernos. Nenhum porém o impediu de falar a linguagem do cotidiano, de amar a sua terra e a sua gente, de escrever poemas do quilate de **Ecos da Selva**, **A Voz da Amazônia**, **Matinta perêra**, **Foi boto**, **Sinhá**, **Dentro da Selva**, **Entre o éter e o lodo**, **Trilogia Tropical**, **Liamba**, e tantos outros em que nos fala da Amazônia cabocla, tal qual ela é na realidade com sua "Música lá de cima, no Norte abandonado", numa cadência de batuque:

"Batuque mazombo,
paródia de bombo,
retumba, retumba,
enquanto a pretada,
luzindo suada,
prepara a macumba.

- "Minha santa donzela"...
(Pum-pum! Pum-pum-pum!)
... di roupa amarela..."
(Pum-pum! Pum-pum-pum!)
"qui bela tu é!...
Ti apressa, ti achega,
tem pena da nega,
qui tanto ti qué!..."

E estruge o batuque
à força do muque
batido a vigor...
E a roda se torce,
contorce, retorce,
jibóia de horror...

"Façai cum qui ele..."
(Pum-pum! Pum-pum-pum!)"
"... si cóce, si pele..."
(Pum-pum! Pum-pum-pum!)
"Somente por eu!...
E tudo qui tenha
di mim só qui venha,
qui segi só meu!..."

E ao vento de açoite
repassam morcegos
que vão e que vêm,
tal como se a noite
mais negra que os negros,
sambasse também".

BIBLIOGRAFIA

Antônio Tavernard ainda não despertou o interesse da crítica paraense. Muito citado, muito declamado, não se cuidou ainda de estudá-lo, como poeta e como homem. Há, apenas, um breve trabalho de Eldonar Lima, ilustre psicanalista paraense, que o interpreta sob ponto de vista mais científico do que literário. Conhecendo-o desde pequeno, companheiro dos bancos escolares, Eldonar Lima soube compreendê-lo, como poucos, dando-nos um trabalho pequeno, mas valioso.

Anotamos ainda **Místicos e Bárbaros e o seu autor**, palestra pronunciada pelo poeta Bruno de Menezes, na Academia Paraense de Letras, sessão de 13 de setembro de 1953, e publicada na "Revista" daquela instituição (1954, março, vol. VI), e o artigo de Georzenor Franco, reproduzido, como apresentação, na 1ª edição de **MÍSTICOS E BÁRBAROS** (Belém, editor H. Barra, 1953), e que, anteriormente, fora estampado no matutino "Folha do Norte".

Consultamos, além dos trabalhos citados, o livro **MÍSTICOS E BÁRBAROS** (poesias), os contos publicados na revista "Primeira", do Rio de Janeiro, e os contos inéditos de **ALMA TROPICAL**, cuja cópia datilografada nos foi gentilmente cedida por Georzenor Franco. Do livro **FÊMEA**, guardamos as impressões de uma leitura já distante e quanto à referência, ao teatro de Tavernard, baseamo-nos nos noticiários publicados nos jornais de Belém, na época de encenação de suas peças. O mais, é o contato freqüente com a literatura e os homens de letras do Pará, pois não conhecemos, pessoalmente, o poeta; somos de uma geração muito posterior.

Com o pseudônimo de João da Roça, o escritor Vicente Salles concorreu, para o gênero ensaio, ao concurso literário realizado em 1960 pela Academia Paraense de Letras. Apresentou o trabalho **O Exilado do Rancho Fundo – a vida e a obra em pequena dimensão do poeta Antonio Tavernard**, que obteve o primeiro lugar pela decisão unânime da comissão julgadora composta dos acadêmicos cônego Ápio Campos, Jurandir Bezerra e Júlio Colares. A obra foi publicada em separata da Revista da APL, em 1960.

Notas.

1 - O Professor Eldonar Lima deu-nos, a respeito, o seguinte, esclarecimento: Tavernard tinha o biotipo classificado na **Classificação biotipológica** de Nicola Pende, como um "brevitimeo estênico" (baixo-gordo), o que está de acordo com seu tipo psicológico, na classificação de Kretschner de um "ciclotínico" ou "ciclóide" ou ainda "extrovertido" de Jung. Embora o seu temperamento "hípersensual" não esteja rigorosamente de acordo com o seu "biotipo" esse temperamento foi exacerbado pela enfermidade. "Na verdade", escreveu-nos o Mestre, "o Tony foi um masturbador psíquico - e o efeito dessa masturbação sente-se na sua poesia"

2 - Interpretação de H. Pereira da Silva. Vide o ensaio dedicado a Aleijadinho, no livro **Arte, Povo e Elite**.